



***INSTITUTO DE PSICOLOGIA PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL***

ALISSON DO ESPÍRITO SANTO OLIVEIRA¹

***Uma abordagem política sobre o Futuro,
Tecnologias e Agência Temporal.***

Porto Alegre

¹ Ali do Espírito Santo

2022

ALISSON DO ESPÍRITO SANTO OLIVEIRA

Uma abordagem política sobre o Futuro, Tecnologias e Agência Temporal.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Linha de pesquisa 3: Redes Sócio-Técnicas, Cognição e Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa

CIP

CIP - Catalogação na Publicação

do Espírito Santo Oliveira, Alisson do Espírito Santo
Oliveira
Uma abordagem política sobre o Futuro, Tecnologias
e Agência Temporal. / Alisson do Espírito Santo
Oliveira do Espírito Santo Oliveira. -- 2022.
168 f.
Orientador: Luis Artur Costa.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Modernidade. 2. Futuro. 3. Agência Temporal. 4.
Aceleracionismo. 5. Xenofeminismo . I. Artur Costa,
Luis, orient. II. Título.

ALISSON DO ESPÍRITO SANTO OLIVEIRA

Uma abordagem política sobre o Futuro, Tecnologias e Agência Temporal.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Aprovado em Porto Alegre, _____ 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luis Artur Costa
Orientador

Profa. A Dra Fiammetta Bonfigli - Programa de
Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade
Federal do Espírito Santo (UFES- PPGDIR)
Membro da Banca

Prof. O Dr. Jean Pierre Caron Cardoso
Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - PPGF)
Membro da Banca

Profa. A Dra. Vanessa Soares Maurenente -
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Social e Institucional (UFRGS - PPGPSI)
Membro da Banca

RESUMO

A crescente complexidade do mundo em que vivemos coloca um problema: a humanidade pode acompanhar o progresso técnico e cognitivo das estruturas complexas que esta gerou ao longo dos séculos? Essa pergunta leva a necessidade de pensarmos a nossa localização no mundo, e também a nossa capacidade em conquistar agência nesse processo que nos distancia cada vez mais das condições de modulação do futuro. É nesse sentido, que o *tempo*, por tratar-se de uma condição do futuro, precisa ser pensado em confluência com essa condição complexa. Sendo assim, a pesquisa neste trabalho, leva em conta a Agência em relação a Tecnologia e ao Capital. Interessa-nos como esses vetores estão sendo articulados desde o campo da filosofia e da política no contemporâneo. As questões do Aceleracionismo de esquerda e do Xenofeminismo, ao articular diretamente a intersecção entre esses campos, pode nos oferecer pontos importantes para pensar a complexidade do mundo, a qual estamos imersos, e que impede que o futuro seja construído por nós humanos. A pesquisa, no seu percurso, busca formular que o *tempo*, junto a complexidade do mundo, também torna-se complexo, sendo necessário um novo conceito para este tempo, de modo que possamos incluí-lo nas nossas ações políticas enquanto dimensão *estranha* a nós mesmos.

Palavras chave: Modernidade, Futuro, Agência Temporal, Aceleracionismo, Xenofeminismo, Complexidade-Totalidade

ABSTRACT

The growing complexity of the world we live in poses a problem: can humanity keep up with the technical and cognitive progress of the complex structures it has generated over the centuries? This question leads to the need to think about our location in the world, and also our ability to conquer agency in this process that distances us more and more from the modulation conditions of the future. It is in this sense that time, as it is a condition of the future, needs to be thought of in confluence with this complex condition. Therefore, the research in this work takes into account the Agency in relation to Technology and Capital. We are interested in how these vectors are being articulated from the field of philosophy and politics in the contemporary world. The issues of Left Accelerationism and Xenofeminism, by directly articulating the intersection between these fields, can offer us important points to think about the complexity of the world, in which we are immersed, and which prevents the future from being built by us humans. The research, in its course, seeks to formulate that *time*, together with the complexity of the world, also becomes complex, requiring a new concept for this time, so that we can include it in our political actions as a dimension that is *foreign* to us.

Keywords: Modernity, Future, Temporal Agency, Accelerationism, Xenofeminism, Complexity-Totality

RESUMEN

La creciente complejidad del mundo en el que vivimos plantea un problema: ¿puede la humanidad mantenerse al día con el progreso técnico y cognitivo de las estructuras complejas que ha generado a lo largo de los siglos? Esta pregunta conduce a la necesidad de pensar nuestra ubicación en el mundo, y también nuestra capacidad de conquistar la agencia en este proceso que nos aleja cada vez más de las condiciones de modulación del futuro. Es en este sentido que el tiempo, como condición del futuro, necesita ser pensado en confluencia con esta condición compleja. Por lo tanto, la investigación en este trabajo tiene en cuenta la Agencia en relación con la Tecnología y el Capital. Nos interesa cómo se están articulando estos vectores desde el campo de la filosofía y la política en el mundo contemporáneo. Los temas del Aceleracionismo de Izquierda y el Xenofeminismo, al articular directamente la intersección entre estos campos, pueden ofrecernos puntos importantes para pensar la complejidad del mundo, en el que estamos inmersos, y que impide que el futuro sea construido por los humanos. La investigación, en su transcurso, busca formular que el *tiempo*, junto con la complejidad del mundo, también se complejiza, requiriendo una nueva concepción de ese tiempo, para que podamos incluirlo en nuestro accionar político como una dimensión *ajena* a nosotros.

Palabras clave: Modernidad, Futuro, Agencia temporal, Aceleracionismo, Xenofeminismo, Complejidad-Totalidad

SUMÁRIO

CAP 1 - DÉFICIT DE FUTUROS, TEMPO E TECNOLOGIA: uma breve história da estranheza filosófica e da vontade por emancipação

CAP 2 - PRESENTISMO TEMPORAL, ACADEMIA e a TOTALIDADE do Capital

CAP 3 - NOVOS CAMINHOS: ANALISANDO APOSTAS e ARRISCANDO ROTAS DE PERCURSO PARA CONSTRUÇÃO DO FUTURO

CAP 4 A luta pelo Futuro (conclusão expandida)

CAP 1 - DÉFICIT DE FUTUROS, TEMPO E TECNOLOGIA: uma breve história da estranheza filosófica e da vontade por emancipação

O início do século 21 é marcado pela *ausência do Futuro*. Esse déficit tem sido experienciado nas mais diversas camadas da vida humana nas últimas décadas, sejam essas de ordem cultural ou política. No que se refere às dimensões da política, o *presentismo* funciona como uma atmosfera de obstrução das camadas do futuro. Tal *ideologia do presente* tem a função de bloquear os esforços para elaborar o presente enquanto história, tornando assim obsoletas as lições do passado e gerando uma deflação da imaginação dos futuros. A hegemonia do presente se impõe como um fato consumado, o qual naturaliza o presente como única condição temporal da política.

O fim dos estados de bem estar social para os antigos colonizadores assim como seus recentes *devires-periferia*, concretiza inclusive que o futuro assegurado por esses as custas da exploração colonial vem definhando. A *brasilianização* do mundo, ou *devir negro* deste, não apenas vem tornando o Ocidente homogêneo em termos de uma economia precária, como também fez desaparecer as condições gerais ou mínimas para as articulações coletivas que tornam o Futuro uma condição normativa que guia o exercício político.² No lugar do horizonte de justiça social, da tecnologia emancipatória ou das benesses da democracia liberal, encontramos hoje

² Por *brasilianização* podemos entender o que a era pós Reagan tem de inaugural: desigualdade e insegurança econômica crônica. Desde então, crescem cada vez mais as analogias com o subdesenvolvimentismo “à brasileira”. Como pensa Paulo Arantes, esse efeito também diz respeito a horizontalização da guerra de classes, onde as oligarquias brancas, ao invés de ameaçadas pela precariedade dos pobres, é na verdade fortalecida pela polarização: “*Uma overclass entrincheirada nos enclaves da privatização, uma nação dentro de outra nação.*” Ver: Arantes, Paulo Eduardo. 2004. **Zero à Esquerda**. São Paulo, Conrad, 30, 31 e 32 p.

Sobre o *devir negro*, o termo é de Achille Mbembe e diz respeito ao século 20, momento em que a Europa deixar de ter o estatuto de centro do mundo, e é desclassificada equanto isento território de uma degradação neoliberal: “*Os riscos sistematicos aos quais os escravos negros foram expostos durante o primeiro capitalismo constituem agora, se não a norma, pelo menos o quinhão de todas as humanidades subalternas.*” Ver: Mbembe, Achille. 2014. **Crítica da Razão Negra**. Portugal, Antígona, 9, 22 p.

o vazio abissal do sistema capitalista que articula sem barreira alguma o fascismo de Estado, a violência climática e a destruição como condição a priori do sistema político representativo.

O *zeitgeist depressivo* e sem horizontes do século 21 é imensamente contrastante com o *prometeísmo futurista* do século 20. Desde as vanguardas artísticas até os últimos movimentos políticos do final dos anos 90, a produção de temporalidades que ancoravam as múltiplas dimensões da existência em relação à política, era um fato. Esses amplos horizontes de possibilidades, demarcaram uma esfera muito específica da modernidade, a qual pode ser compreendida em sentido temporal, como um momento de equivalência das coordenadas temporais de passado, presente e futuro, onde o Tempo, perceptível nesses três aspectos, é o que permite a imaginação, a espera e o avanço.

O evento moderno no século 16, é marcado como o grande momento da derrubada de um tempo de teologização da igreja, onde o futuro como sinônimo para redenção, possuía um horizonte escatológico, experienciado como *fim dos tempos*. O processo posterior de formulação de um humanismo moderno, então, inaugura um *tempo histórico* ao abandonar e romper as premissas que o pré moderno definiu. Tal vetor, pôde acumular saber a ponto de tornar o *entendimento* técnico um *upgrade* que potencializou o futuro como sinônimo de progresso.³

Isso permitiu que a modernidade levasse a cabo a história como um processo conflituoso, empenhado em manifestar a *razão* na realidade. E se formos um pouco mais longe, é possível dizer que a tradução dessa vontade é o que faz do Comunismo, por exemplo, se pensarmos desde a política marxista, a *prospecção do futuro como integração da razão*, no qual o surgimento do movimento operário e por conseguinte a revolução, é a concretização das possibilidades de futuro do século 20.

Mas tal equivalência, entre progresso técnico e futuro, já foi alvo de muitas interpretações negativas. A teoria crítica nos anos 60 por exemplo, determinou que haveria sempre um perigo nas tentativas de manejo tecnológico, onde a iminência de instrumentalizações errôneas como guerras e destruições em massa, ocorreriam

³ Sobre as dinâmicas de surgimento do tempo histórico, Ver: Koselleck, Reinhart. 2012. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro, Contraponto, 306-307, p.

sem sombras de dúvidas.⁴ Desde o século 19, podemos também enumerar entre nomes como Tocqueville, Burckhardt, Schopenhauer, Nietzsche e até mesmo Weber, um pessimismo sobre as ideias de progresso entrelaçadas ao avanço técnico.⁵

Estabeleceu-se a tal equivalência, um *axioma* imóvel sobre a tecnologia, colado aos modelos injustos através dos quais um dia, esta foi fomentada. Inclusive, debates menos acadêmicos, como os de John Zerzan sobre um “futuro primitivo” ou do feminismo familista recaído em certos “pachamamismos”, apoiado por uma natureza idealizada por premissas culturais, designa a tecnologia, e portanto qualquer ideia de avanço sobre os limites do humano às imagens de uma destruição inexorável pela técnica. Desde tais exemplos, parece que nada há para ser feito, nem sobre a conquista dos futuros, tampouco sobre reavaliar as aparências dessa pretensa “essência” da tecnologia.

Acreditamos que o problema do déficit de futuros não pode ser atribuído ao avanço técnico desenfreado, mesmo quando esse direciona o *tempo* até os confins da

⁴ Adorno e Horkheimer: [...] o progresso técnico, no qual o sujeito se coisifica após sua eliminação da consciência, está livre da plurivocidade do pensamento mítico bem como de toda significação em geral, porque a própria razão se tornou um mero adminículo da aparelhagem econômica que a tudo engloba. Ela é usada como um instrumento universal servindo para a fabricação de todos os demais instrumentos. [...] A fabricação de instrumentos cumpriu-se afinal sua velha ambição de ser um órgão puro dos fins. (Adorno e Horkheimer, 1985, 41-42 p.) Nesse caso, a razão técnica aparece como promotora um dos problemas do sujeito, o qual perde sua aparente essência mitológica, acorrentado na utilização que a objetividade da instrumentalização ocasiona. Próximos a ambos, Marcuse dirá também que a “*ordem objetiva das coisas*” leva a “*escravidão progressiva do homem por um aparato produtor que perpetua a luta pela existência*” (Marcuse, 1978, p. 142). Os dois argumentos, são análogos em promover um *determinismo tecnológico*, o primeiro, defendendo um estado anterior à razão, o qual teria sido perdido, e o segundo, em transformar as forças produtivas como detentoras da opressão das classes, a sua causa direta. Adorno, T. Horkheimer, M. 1985. *Dialética do Esclarecimento*. Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 233 p. e Marcuse, H. 1978. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 238 p.

⁵ Para Gilberto Dupas (2007): “O que definitivamente consolidou a ideia contemporânea de progresso foi a revolução provocada por Darwin com sua *Origem das espécies*, publicada após muita hesitação em 1859. Galileu já havia abalado definitivamente a ideia narcisista e onipotente da Terra e do homem como centros do universo. Agora, mais uma degradação: o homem seria uma criação original de Deus, mas teria evoluído a partir do macaco; e só prometia um eventual futuro melhor por meio da evolução. A partir daí, e até um pouco antes do início da Segunda Guerra, o mundo produziu uma vasta literatura em ciência social em que progresso era sempre suposto como axioma. A ideia de progresso permeia a quase totalidade da obra de Hegel, estruturada sobre a dialética. Finalmente, Marx também acreditou profundamente no progresso histórico e inexorável da humanidade.” Dupas, Gilberto. 2007. **O mito do progresso**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000100005>, último acesso em 26 de Janeiro de 2021.

distopia. Há mais futuro na *SpaceX* de Elon Musk que em qualquer outro lugar atualmente, e isso significa que o projeto de futuração continua, porém pertence às *classes vetorialistas*, as quais continuam nitidamente próximas ao projeto de avanço técnico moderno. McKenzie Wark define a existência das *classes vetorialistas* em concomitância com as formações burguesas de propriedade, porém estas, não detém os meios de produção, mas o controle da *informação*, a qual, deve ser compreendida para além da simples ideia de conhecimento, e sim abranger um regime de dominação que expropria a dimensão abstrata do saber produzido coletivamente, e que deveria servir ao progresso comum da humanidade. As *classes pastoras*, responsáveis pelo domínio da agricultura, exploram a população que ainda não foi completamente automatizada no campo, as *burguesas capitalistas*, exploram os trabalhadores da cidade, e o *vetorialismo* expropria o potencial tecnológico: o livre hackeamento epistêmico dos fluxos de *general intellect*. O pastoralismo foi sólido, o capitalismo líquido, o *vetorialismo*, o início do estado gasoso.⁶

Como Jonathan Crary lembra em *Capitalismo tardio e os fins do sono*, a tecnologia proporcionou a extensão do trabalho à todos os espaços da vida, onde o modelo 24/7 de presença nas demandas do trabalho, precário ou não, totaliza o cotidiano, obrigando-nos a dormir apenas 4h por noite. Porém, esse modelo de exploração não seria possível sem as modificações que as tecnologias digitais começaram a desenvolver desenfreadamente a partir dos horizontes do neoliberalismo no final dos anos 1970.

No entanto, acredito que a *comunização* da informação não é em si um fator negativo, visto que o manejo técnico não esteve na história revolucionária do século 20, ausente de uma apropriação da tecnologia. Da planificação da Rússia Comunista até a tentativa de ciberneticização da economia chilena por Salvador Allende, ou o zapatismo dos anos 1990, uma instrumentalização positiva da tecnologia foi concretizada, explicitamente almejada pela esquerda como ultrapassagem temporal do estado atual de coisas.

Caberia-nos perguntar sobre o que resta à esquerda nesse momento, visto que, por mais contraditória e obtusa, a promessa de um horizonte abolitivo dos velhos sistemas de dominação, parte historicamente também de um desenho que opera dentro dos usos potenciais da tecnologia.

⁶ WARK, McKenzie Wark. *The vectorialist class*. SUPERCOMMUNITY, v. 65, 2015.

...

Para expandir tais exemplos de condenação moral, teórica ou ativista da tecnologia, podemos citar o livro *Depois do Futuro*, recentemente lançado em português, de Franco Berardi. Berardi, quando discorre sobre o contexto contemporâneo do “depois do futuro” que o neoliberalismo implementou no final dos anos 1970, apresenta-o como modalidade exclusivamente *perceptiva* no curso da história, o qual fisicamente não necessariamente desaparece, mas assume um *distanciamento do humano*. Porém, e infelizmente, Berardi culpabiliza a tecnologia por tal disjunção, quando define a técnica, a política revolucionária do século 20 e a razão tecnológica como inimigas do tempo experienciado pela subjetividade fenomenológica, essa, incapaz segundo o mesmo, de acompanhar a materialidade acelerada das máquinas.⁷

Nos aspectos descritos por Berardi, algo incontrollável parece emanar dessa realidade silícia, se partirmos apenas de críticas assim. É como se a condição inorgânica da tecnologia, “desprendida do humano” nos controlasse conduzindo nossa própria obsolescência. Porém, um futuro onde o não orgânico subestima-nos, prevalecendo sobre nós, não é uma grande novidade, podemos lembrar de William Gibson em seus romances de ficção científica, especificamente da trilogia *Sprawl* iniciada em 1984, onde o termo *ciberespaço* é criado. *Flatline*, é como Gibson chama esse estado instaurado de *indiferença* entre o animado e o inanimado, onde não é possível através da vida fenomênica uma diferenciação do tempo das máquinas e o tempo dos humanos, onde estes últimos, corporificados pelo hibridismo *cyberpunk*, são corpos de carne, porém modificados por *enjambres sintéticos*, híbridos suscetíveis a obedecer uma IA (Inteligência Artificial) transcendental.⁸

Franco Berardi parte desse imaginário para distinguir *ciberespaço* de *cibertempo* para delimitar sua sentença pessimista para a política contemporânea. O primeiro termo, refere-se às esferas de interação de várias fontes mecânicas, as quais envolvem a enunciação e as conexões entre mente e máquina, sendo expandida

⁷ BERARDI, Franco. 2019. *Depois do Futuro*. São Paulo, UBU, p. 20 e 21, 94 e 95

⁸ Ver: GIBSON, William. *Neuromancer*. 2016. São Paulo, Editora Aleph.

virtualmente de modo ilimitado e indefinidamente. Já o segundo, o *cibertempo*, estaria determinado pelo seus limites orgânicos, devedor de um tempo demorado nas capacidades de expansão, lento em formatar os dados oriundos do *ciberespaço*. No *cibertempo*, estariam as culturas, a história e as emoções, ou seja a *lentidão*, já no *ciberespaço*, as máquinas em sua totalidade anti humana e anti tempo, onde nós humanos, estaríamos dentro de uma zona de espacialidade totalizante, impossível de ser habitada fora de um domínio maquínico.⁹

O futuro então, apareceria contraído na condição *cibertemporal*, onde a *atenção* estaria saturada por um presente denso, por um estado “pesado”, onde o cérebro fica sem alternativas e impedido de projetar sua experiência temporal para fora desse momento presente¹⁰.

Nesse ponto específico, nos aproximamos de Berardi, pois para projetar “profundidade temporal”, precisamos dispor de um cérebro social que maneje o horizonte e elabore suas conexões¹¹, visto que o tempo-futuro, precisaria de uma dimensão coletiva inicial para ser projetado. Porém, acreditamos que não trata-se de uma saturação dos estímulos informativos ou tecnológicos que impedem o futuro de ser imaginável, e também não será apenas dos usos benéficos que podemos fazer das tecnologias, que haverão novas possibilidades a partir destas. Sua crítica é um pouco mais abrangente que uma simples negação, entretanto evidencia uma condenação dos avanços técnicos às imagens distópicas de temporalidades radicalmente separadas do conceito de humano. É bastante próximo, porém, em outra direção, do que vem fazendo os transhumanistas reacionários, os quais desejam e vêm organizando-se para intensificar a separação do humano -desde a sua versão- ao perseguir versões de futuro racistas e de consanguinidade homofílica, de silício, etc.

Não apenas Berardi, mas tantos outros e outras, podem decepcionar quando a questão é uma certa destreza teórica frente a tecnologia, tão necessária para enfrentar a complexidade planetária incessante que enfrentamos hoje advinda da evolução técnica. Donna Haraway, por exemplo, foi a primeira a deixar o barco de seu próprio entusiasmo militante com a tecnologia enquanto propulsora de um feminismo técnico *hypado* pela aposta hibridista do ciborgue. “*Nossas máquinas são*

⁹ BERARDI, Franco. 2019. *Depois do Futuro*. São Paulo, UBU, p. 108, 109, 110.

¹⁰ Ibidem, p. 108, 109 e 110.

¹¹ Ibidem, p. 135, 136, 137, 138.

*perturbadoramente vivas e nós mesmos assustadoramente inertes.*¹² Esta afirmação de Haraway, não temia a *indiferenciação* entre máquina e subjetividade, e sim, buscava recuperar tal sorte do contexto cibernético, até o espaço da proposição política, onde o *inorgânico* enquanto uma zona de imanência com as máquinas, a *flatline* por excelência, além da vida e da morte, é o que precisava ser incrementado para o apagamento definitivo de todos os binarismos e determinismos biológicos. Ou seja, um acoplamento aos sistemas *inorgânicos* liberados pelas instâncias dos fluxos da cibernética (*quintessência* maquínica, como Haraway se referia nos anos 80 à esfera tecnológica) era o mote para uma liberação total.¹³

Diante desse cenário, é necessário definir as rotas de problematização em torno das tecnologias, de modo que, tanto as apostas teóricas como as dimensões politicamente propositivas na retomada da construção do futuro, possam adentrar na *complexidade planetária* dos nossos contextos. Nosso desenho político, no recorte que estamos propondo fazer, em partes, retoma o projeto das apostas revolucionárias dentro do imperativo de aceleração tecnológica do vetor moderno no século 20, tanto na teoria como nos movimentos políticos que derivam desde uma posição definida pela tecnologia.

O neoliberalismo é bastante eficaz em produzir uma temporalidade onde sua base é a produção de *abstrações* que aplicam ao futuro infinitas possibilidades. Imprevisibilidade constante é um dos tentáculos dominantes da *guerra temporal* que vivemos. Mas o futuro não acaba para todos, e não acaba definitivamente, é sim, estilhaçado por uma *fragmentação improdutiva*. A versão comunista do futuro, essa sim, define cada vez mais. Então por quais vias começar a crítica desse emaranhado? Pela especulação, unicamente por aí. Em Antonio Gramsci, podemos recorrer a esse aspecto de uma *não* negação da forma especulativa para iniciarmos qualquer análise. Para esse, toda cultura tem seu momento especulativo e religioso que é análogo com a completude da hegemonia do grupo social do qual é a expressão, e:

¹² HARAWAY, Donna. **The Cyborg Manifesto**. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, Londres, Free Association Books, 1991, p. 152.

¹³ A tese de doutorado de Mark Fisher de 1999 (University of Warwick, UK), é um dos exemplos da retomada desse projeto cibernético inorgânico desde as apostas de Deleuze e Guattari. Ver: FISHER, Mark. **Flatline Constructs: Gothic Materialism and Cybernetic Theory-Fiction**. New York, New York, Exmilitary Press.

“(…)talvez coincida precisamente com o momento no qual a hegemonia real se desagrega na base, molecularmente, mas o sistema de pensamento, justamente por isto (para reagir a desagregação), aperfeiçoa-se dogmaticamente, torna-se uma ‘fé transcendental’: por isso toda época decadente (onde ocorre uma degradação do velho mundo) caracteriza-se por um pensamento altamente ‘especulativo’.”¹⁴

O que Gramsci demonstra, é que a crítica pode traduzir a especulação em seus termos de ideologia política, de instrumento de ação prática, tendo a crítica também a sua fase especulativa, e assim produzir novos conceitos.¹⁵ Logo, um de nossos apontamentos relevantes, implica na hipótese de que há muitos vetores de futuros “disponíveis”, mas a insuficiência de uma analítica política comprometida com o manejo do tempo impede a distinção e definição sobre a multiplicidade de tempos que se apresenta como verdade imóvel da temporalização. Trata-se de um processo de disputa pela *abstração temporal*, por quem produz e aplica o futuro, e por consequência consegue definir a realidade de um novo mundo.

Nesse sentido, estamos próximas das concepções de Suhail Malik, as quais abordaremos na quarta parte deste ensaio. Um de seus pontos, é de que o futuro está acontecendo agora, em todos os lugares, e apesar de ser viável desejá-lo, agir sobre ele e por ele, *por efeitos semânticos inclusive*, o mesmo continua a ser uma incógnita, justamente por situar-se no futuro. Para isso, Malik, acredita que a equação modernidade=futuridade, *rederiva* o moderno, porém não “cancela o futuro”, mas *exacerba-o*.¹⁶

Constatar que o *presentismo temporal* é uma forma que desarticula a ação política direcionada aos futuros no século 21, é também dar-se conta do empobrecimento das camadas de imaginação política, seus padrões cognitivos de estabilidade, e da hegemonia das novas formas limitantes de dominação. Mesmo que o conceito de *classe* tenha sido alvo de anulações injustas nas últimas décadas, as condições materiais que a divisão do trabalho implica, precisam ainda ser trazidas à tona. É correto também afirmar, que os lugares da produção material de mais valia, estão hoje dispersos pelo que ainda resta do tecido social, sendo o “local do

¹⁴ GRAMSCI, Antonio. 1986. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 56 p.

¹⁵ *Ibidem*, 57 e 58 p.

¹⁶ MALIK, Suhail. *ContraContemporary: Modernity 's Unknown Future*. 2019. Urbanomic/Mono.

trabalho” um antigo gerenciador de lutas. No entanto, a *dispersão informacional* tecnológica não promoveu nenhuma desmaterialização das necessidades de produção e consumo, mas sim, a extensão do trabalho em micro frações de tempo-necessidade.

O neoliberalismo acredita ter vencido o jogo quando naturaliza a desarticulação do trabalho e sua relação com o tempo futuro. O presentismo, ao desarticular a organização dos trabalhadores e trabalhadoras, dispersando-os cognitivamente, impede que das condições precárias de imaginação, surjam confrontos decisivos capazes de desmanchar a articulação do tempo neoliberal, esse, sempre contingenciado pela fragmentação improdutiva.

Quando associamos a impossibilidade de um espaço de “não trabalho” pela demanda produtiva absoluta ao déficit de futuros, não temos por objetivo dizer que apenas desde a categoria trabalho, surgiram (ou surgirão) confrontos decisivos, mas que a condição material comum aos geradores de energia ao sistema capitalista é debilitada em sua possível potência de modular o tempo. Não temos também a tentativa de nos associar quando apontamos isso, ao enfadonho debate anti identitário neste ponto, pois importa-nos nessa pesquisa, o quanto dos vetores de classe, raça, gênero e sexualidade podem produzir *progressos alternativos*, suas modulações políticas, as esferas de tempo gestadas, ou como tais categorias encaram o desafio de agenciar a construção da temporalidade, forjando assim um *futuro*.

...

Este trabalho define-se pela tentativa de pensar a agência humana em relação ao Tempo. Por consequência, tais questões levantam as possibilidades de construção dos futuros, assim como uma tentacularização com a tecnologia. No entanto, não precisamos recorrer aos oficialismos narrativos tanto da política, como das conexões entre *tempo*, *futuro* e *tecnologia* para construir o *desenho* de um percurso e *figurar* o que pretendemos. Pois a conexão entre esses problemas de pesquisa no final do século 20, ou em quase todo o processo do que se compreende enquanto modernidade, é uma história *estranha*, e carrega uma ousada leitura tanto das possibilidades de práxis política, como do que nomeamos de realidade ou como encaramos a filosofia.

O que o *ciberespaço* de Gibson, ou sua derivação nomeada de *cyberpunk* produziu na literatura marginal décadas atrás, pode ser pensado enquanto uma *prospecção* da situação que hoje experimentamos com a tecnologia, é a escatologia neoliberal promovida numa única direção para um tipo de automação inevitável, ou seja, um estado de *break down* improdutivo com as tecnologias. Usaremos alguns exemplos oriundos do mesmo campo de sentido, porém distante nos tempos, para explicar nossa afirmação, exemplos de como o futuro-presente-passado, dependendo do grau de especulação envolvido, pode produzir realidades que invadem o presente, ou seja, podem ser traficados, sem respeito algum pela ordem linear do tempo.

Quando usamos o termo *prospecção*, que se refere ao ato de apreender algo que ainda não está presente enquanto forma disponível onde nos localizamos, remetemo-nos diretamente a *Unidade de Pesquisa de Cultura Cibernética, Cybernetic Culture Research Unit*, localizado nos anos 90, na Universidade de Warwick na Inglaterra, apesar deste termo não ter sido usado por eles e elas. Do coletivo CCRU, originaram-se as primeiras pesquisas sobre o *Ciberfeminismo* a partir dos trabalhos de Sadie Plant e do *Aceleracionismo libidinal kubernetizado* com o pós-estruturalismo francês, bastante fixado em nomes como o de Nick Land.¹⁷

Podemos dizer que o CCRU, faz parte dessa história *estranha* dos futuros e das possibilidades abertas pela hipótese simbiótica com as máquinas. *Estranha* nesse sentido, não é uma ofensa, mas um elogio. O coletivo misturou a teoria pós-estruturalista de Deleuze e Guattari, Baudrillard e Lyotard intimamente com a ficção científica *cyberpunk*, de autores como Octavia Butler, James Ballard, W. Burroughs, Philip K. Dick e Lovecraft. Esse caráter de coletivo transdisciplinar e não institucional, retira-os de qualquer parâmetro acadêmico-filosófico, no qual essa não institucionalização, demarca um intenso trânsito entre diversas áreas do conhecimento e da cultura popular *weird* (estranha), o que permite um alto grau de

¹⁷ Nick Land, Sadie Plant, Mark Fisher, Kodwo Eshun, Luciana Parisi, Anna Greenspan, DJ Kode-9, são nomes ligados diretamente ao coletivo nos anos 90, que finaliza seus trabalhos no início dos anos 2000. A primeira fase do filósofo iraniano Reza Negarestani, autor em 2008 de *Cyclonopedia: Complicity with Anonymous Materials* pode ser conectada diretamente ao CCRU, visto que a hiperstição é a base de seus escritos, assim como é a magia, a demonologia, e o auto poder ficcional dos seus escritos nesse período, especificamente.

especulação e poder ficcional.¹⁸ Colocaremos uma lupa sobre algumas questões desse contexto específico a seguir.

O conceito de *Hyperstition* (Hiperstição), formulado pelo CCRU, com bases nas premissas da ideia de *retroalimentação de sistemas* da cibernética (*feedbacks*), ajuda-nos a explorar o que estamos tentando dizer quando afirmamos que a distopia cyberpunk de “ontem” conseguiu *prospectar* o que vivemos hoje.

CAP 4 A luta pelo Futuro (conclusão expandida)

1 - O pós-capitalismo (comunismo) equivale a prospecção do futuro. Todas as revoluções no século 20, os avanços do progressismo ou as políticas que visam qualquer emancipação, fazem parte do quadro de referência que evidencia negociações com o Tempo, pois atribuem ao processo de realização-concretização de uma ideia, o futuro como dimensão diferente do presente.

2 - Para a superação do déficit de negociação com o Tempo, a *complexidade escalar* não apenas deve ser levada em conta, como é inseparável de qualquer tentativa de redesenho das atuais condições. No entanto, a hipercontingência do presente, não deve ser um empecilho para formulação da *agência temporal*, mesmo que isso aparentemente estabeleça um *não-domínio* sobre o que construímos enquanto humanidade, em sentido tecnológico, principalmente. Toda abstrusa circunstância em relação ao Tempo, indica a obsolência do que já foi feito, mas ao mesmo tempo, deve indicar a possibilidade de reformulação deste problema.

¹⁸ “Muitos membros do CCRU abandonaram os estudos culturais afastados por seus prejuízos autoritários, seu amor pela ideologia e seu desejo pomposo de “representar o outro”, ou falar em nome do oprimido. Para nós, nunca pareceu que a articulação real da esquerda acadêmica fosse em nenhum caso superior aos modos de expressão da cultura popular, a qual é, ignorada ou tratada como matéria prima que deve ser investigada em seu significado ‘verdadeiro’(i. e. ideológico) por intelectuais brancos de classe média. O CCRU tenta conectar e intensificar os cruzamentos entre processos culturais periféricos (áudios digitais obscuros, cyberpunk, bruxaria neo lemuriana, numerstições, afrofuturismo, indo futurismo, sino-futurismo...) Busca pensar, teorizar e produzir ‘com’ mas que ‘sobre’(ou- ainda pior-, ‘por,) eles.” Ver: CCRU - **Escritos 1997-2003**. Espanha: Materia Oscura Editorial, 2020, p. 32.

3 - Conseguir *figurar* a totalidade para nós humanos é o equivalente a dar os primeiros passos para construção de uma luta social digna, onde não sejamos jogados as incertezas do tempo neoliberal. Sendo assim, não há nada de errado com a busca por significado e representação do que está escapando da nossa cognição. É assim que o particularismo é desfeito, e podemos atualizar a política em acordo com a condição planetária na qual ela está radicalmente inclinada.

4 - O *loop de retroalimentação* entre o concreto e o abstrato não pode ser visto com desdém por ser a *verdade* da nossa disposição enquanto humanos racionais. A construção de um novo *sujeito político*, dentro dos parâmetros deste trabalho, passa pela quebra do imediatismo da realidade, justamente por essa condição de estranhamento com as abstrações que geramos. No imediato nada, nas abstrações tudo, o possível e a modulação anti-natureza.¹⁹ Essa é a nossa capacidade. O nexos entre ideia, matéria e realidade é um trunfo da *razão*, precisa ser aproveitado no reenquadramento da nossa posição em relação ao Tempo. Porém esse nexos, não indica qualquer ausência de mal-estar, portanto de “diferenças” intrínsecas ao “objeto.” Ao contrário disso, não haveria necessidade alguma de luta política, tudo estaria disposto ao nosso alcance num panteão imanente florido de intensidades e afetos. A condição planetária traduz o Tempo com excelência, e isso impõe uma condição hostil, mas que deve ter seus códigos abertos pela destruição da auto-suficiência do indivíduo neoliberal, buscando tornar evidente a relação entre nós e as estruturas de coação.

5 - Assumir um certo pessimismo radical com as estratégias disponíveis, a fim de produzir um otimismo que revise as condições do presente para construir o futuro de uma vez por todas deve ser o lema para a conquista da hegemonia de esquerda. O axioma “*não há alternativas*” reproduzido enquanto ideologia tanto pela direita como pela esquerda é um *descompromisso* explícito com o futuro, a cumplicidade de quem já entregou os pontos no primeiro dia da batalha. A melancolia esquerdista, sua negatividade familiar, é como uma casa confortável para

¹⁹ Anti natureza aqui, não deve ser compreendido em sentido literal, uma posição anti animais, florestas, ou contra a organicidade material, e sim contra o dado, e tudo que se coloca como imóvel.

aqueles e aquelas sem a mínima ambição para a luta política, mas que infelizmente, ocupam lugares de privilégio, por onde incrementam o derrotismo. (a nostalgia punk com o *no future*).

6 - Acreditamos que a aceleração temporal não implica na perda da negociação-relação com o tempo, mesmo que isso tenha se estabelecido. Mas sugerimos que a *relação* com o tempo não está dada a priori, ela precisa ser estabelecida. Então, a *futuração* política, logo, não é um *dado*, tampouco está “dentro” do tempo. O futuro é um dos conteúdos que anexamos ao Tempo. A negociação entre ambas partes da compreensão que o Tempo em uma era de complexidade planetária, e em outra escala que não a humana, está alheio das rotas que percorremos. A questão que se coloca é a da produção de uma *forma de tempo* que possibilita um *salto futurais* para habitarmos um tempo que não é ele mesmo completo ou sublinhado por outros espaços já conhecidos.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 1985

ARANTES, Paulo Eduardo. **Zero à Esquerda**. São Paulo: Conrad, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: Destruição da Experiência e Origem da História**. Minas Gerais: Editora UFMG: 2005.

AUGÉ, Marc. **Para onde foi o futuro?** Campinas, Papirus: 2012.

BAUDRILLARD, Jean. **El intercambio simbólico y la muerte**. Barcelona, Monte Avila Editores: 1980.

BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. São Paulo, UBU: 2019.

BORGES DE MENESES, Ramiro Déliü. **A DESCONSTRUÇÃO EM JACQUES DERRIDA: O QUE É E O QUE NÃO É PELA ESTRATÉGIA**. Univ. philos Bogotá, v. 30, n. 60, p. 177-204,

2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53232013000100009&lng=en&nrm=iso. Último acesso em 09 Sept. 2022.

BRASSIER, Ray. 2018. **Concrete-in-Thought, Concrete-in-Act: Marx, Materialism, and the Exchange Abstraction**. CRISIS AND CRITIQUE - Philosophy and Science, Volume 5, issue 1, 15-03-2018 - Edited by Agon Hamza & Frank Ruda. Tradução minha. Disponível em: <https://www.crisiscritique.org/past.html> Último acesso em 15 de Julho de 2022.

BRASSIER, Ray. **Concepts, Objects, Gems. Theory After Theory**. Routledge. 2011.

BRASSIER, Ray. **Prometheanism and Its Critics. #Accelerate**. The Accelerationist Reader. Urbanomic: 2014.

BRASSIER, Ray. **Nihil Desencadenado-Ilustração y extinción**. Espanha, Materia Oscura: 2017.

BUTLER. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2003.

CCRU - **Escritos 1997-2003**. Espanha, Materia Oscura Editorial: 2020.

CUBONIKS, Laboria. **Manifesto Xenofeminista - Uma política pela alienação**. Tradução de Inaê Diana Lieksa, Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/> , Último acesso 30 de Janeiro de 2022.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI Félix. **O Anti-Édipo**. Tradução de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Editora 34: 2010.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Tradução: Luiz Roberto Salinas. São Paulo, Perspectiva

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx - O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova e a nova Internacional**. Tradução: Anamaria Skinner. Rio de Janeiro, Relume Dumará: 1994.

DIANN, Bauer. **Protocols for the Phase Transition: Towards New Alliance**. Disponível em: www.strelkamag.com/en/article/protocols-for-the-phase-transition-towards-new-alliances

DIANN, Bauer. **Xenotemporality**. Scalar Oscillations. Digital Earth: 2019

DIANN, Bauer. **Alienation, Freedom, and the Synthec How**. Angelaki: Journal of Theoretical Humanities: 2019

DUPAS, Gilberto. 2007. **O mito do progresso**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000100005>, último acesso em 26 de Janeiro de 2021.

ESHUN, Kodwo. **Further Considerations on Afrofuturism**. The New Centennial Review, Volume 3, Number 2: 2003.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista, é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Tradutores: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo, Autonomia Literária: 2020.

FISHER, Mark. **SF Capital**. Transmat: *Resources in Transcendental Materialism*: 2001

FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. São Paulo, Autonomia Literária: 2021.

FOUCAULT, Michel. **The birth of biopolitics: Lectures at the Collège de France, 1978-79**. Tradução: Graham Burchell. New York: Palgrave Macmillan: 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, Tomo 1, *A vontade de Saber*, Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal: 1988.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira: 1986.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo, Editora Aleph: 2016.

GOFFEY, Andrew. **Algorithm**. Tradução minha. *Software Studies: A Lexicon*, ed. Matthew Fuller, MIT Press: 2008.

GUATTARI, Félix. **Psicanálise e Transversalidade**. Tradução: Adail Sobral e Maria Gonçalves. São Paulo, Ideias e Letras: 2015.

JAMESON, Fredric. **Mapeamento Cognitivo**. Tradução de Gabriel Tupinambá e Luísa Marques, Revista Porto Alegre. Porto Alegre. Disponível em: <http://revistaportoalegre.com/mapeamento-cognitivo/> Último acesso: Março de 2022.

JAMESON, Fredric. **Modernidade Singular**. Tradução: Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2005

HALLEY, Peter. **Essence and Model**. in, *Collected Essays, 1981-1987*, Zurique: 1988.

HARAWAY, Donna. **The Cyborg Manifesto**. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*, Londres, Free Association Books: 1991

J. C. **zEros land, sellars e o aceleracionismo**. *Das Questões*, [S. l.], v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18704>. Acesso em: 18 set. 2022.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo, Boitempo: 2009.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1976

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. *Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012

LAND, Nick. PLANT, Sadie. **Cyberpositive**. *Coletânea de Escritos: Unnatural: Tecno-Theory for a contaminated culture - Matthew Fuller, ed.* Londres, Inglaterra. Underground: 1994.

LAND, Nick. **Meltdown**. Disponível em: http://www.ccru.net/swarm1/1_melt.htm Último acesso em 08 de Janeiro de 2019.

LAND, Nick. **Fanged Noumena: Collected Writings 1987-2007** (Introdução dos Editores - ROBIN MAC KAY & RAY BRASSIER TRURO & BEIRUT) Tradução do Site: <https://numenoscompresas.wordpress.com/> Ano original da edição: 2011 - Urbanomic

LAND, Nick. **Kant, capital, and the prohibition of incest**. Third Text: 1988.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas sociais: lineamentos para una teoría general**. México, Anthropos; Universidad Iberoamericana; Santafé de Bogotá; CEJA; Pontificia Universidad Javeriana: 1998.

LUHMANN, Niklas. **La sociedad de la sociedad**. Ciudad de México, Editorial Herder: 2006

MACKAY, Robin. **Towards a Transcendental Deduction of Jungle**. Disponível em: <http://readthis.wtf/writing/towards-a-transcendental-deduction-of-jungle-interview-part-1/>. Último acesso em Novembro de 2020.

- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *De máquinas y seres vivos – autopoiesis: la organización de lo vivo*. 5.ed. Santiago, Universitaria: 1997.
- MIGNOLO, D. Walter. *COLONIALIDADE - O lado mais obscuro da modernidade*. Tradução: Marco Oliveira. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 32 N° 94*: 2017
- MASSUMI, Brian. *The Autonomy of Affect*. Minnesota, University of Minnesota Press: 1995
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Portugal, Antígona, 2014
- MALIK, Suhail. *ContraContemporary: Modernity 's Unknown Future*. Urbanomic/Mono: 2019
- MALIK, Suhail. *The Speculative Time Complex*. Suhail Malik and Armen Avanesian, eds. *The Time Complex: Postcontemporary*. Miami, Florida, [NAME]: 2016.
- MALIK, Suhail. *ContraContemporâneo*. Tradução de Gabriela Baptista. São Paulo: Zazie edições, Coleção TRAMA: 2020.
- NEGARESTANI, Reza. *O trabalho do inumano*. Tradução de Jean Pierre Caron. São Paulo: Zazie edições, Coleção TRAMA: 2020
- PARISI, Luciana. *Contagious Architecture: Computation. Aesthetics, Space*. Cambridge, MIT Press: 2013.
- PASQUINELLI, Matteo. *O trabalho da abstração: sete teses sobre marxismo e aceleracionismo-* LUGAR COMUM N°42
- PRECIADO, Paul. *La invención del género, o el tecnocordero que devora a los lobos*. Universidade de Princeton, Paris 8, Saint-Denis. Disponível em: <https://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2019/05/365213634-Preciado-B-La-Invencion-Del-Genero-o-El-Tecnocordero-Que-Devora-a-Los-Lobos-1.pdf>. Último acesso em 15 de Janeiro de 2021.
- REED, Patrícia. *Xenofilia e desnaturalização computacional*. Tradução: Laura Erber e Karl Erik Schøllhammer. São Paulo: Zazie edições, Coleção TRAMA: 2018
- REED, Patricia. 2019. *Orientation in a Big World: On the Necessity of Horizonless Perspectives* <https://www.e-flux.com/journal/101/273343/orientation-in-a-big-world-on-the-necessity-of-horizonless-perspectives/> Tradução minha. Último acesso: 01 de Setembro de 2022.

ROSLER, Martha. **Culture Class: Art, Creativity, Urbanism**. Países Baixos, Hermes Lecture Foundation: 2010.

TERRANOVA, Tiziana. **RED STACK ATTACK! Algoritmi, capitale e automazione del comune**. Tradução minha. Revista EuroNomade. Disponível em: <http://www.euronomade.info/?p=1893> : 2014

RODRIGUES, Léo Peixoto e COSTA, Everton Garcia da. **O PÓS-ESTRUTURALISMO SISTÊMICO DE NIKLAS LUHMANN**. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 2021, v. 36, n. 106. Acessado 10 Setembro 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/3610609/2021>

SRNICEK, Nick; WILLIAMS, Alex. **Inventar el futuro**. *Poscapitalismo y un mundo sin trabajo*. Tradução: Adriana Santovña. Nova Iorque, Malpasso: 2017

SRNICEK, Nick; WILLIAMS, Alex. **Inventing The Future: Postcapitalism and a World Without Work**. London, Verso, 2015. [ebook]. Tradução minha.

SRNICEK, Nick; WILLIAMS, Alex. **Manifesto Aceleracionista**. Tradução: Bruno Stehling. UniNômade Brasil, 2013. Disponível em: <https://uninomade.net/tenda/manifesto-aceleracionista/>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2021.

STEYERL, Hito. **Los condenados de la pantalla**. Tradução de Marcelo Expósito. Buenos Aires, Caja Negra Editora: 2014.

TOSCANO, Alberto Toscano e KINKLE, Jeffe. **CARTOGRAPHIES OF THE ABSOLUTE**. Zero Books, Inglaterra: 2015

WARK, McKenzie. **The vectorialist class**. SUPERCOMMUNITY, v. 65, 2015.

WILLIAMS, Alex. 2008. **Xenoeconomics and Capital Unbound**. *Splintering Bone Ashes*, 19 October 2008. Acessado via the WayBack Machine: <https://web.archive.org/web/20100805021724/http://splinteringboneashes.blogspot.com/2008/10/xenoeconomics-and-capital-unbound.html>

ZIZEK, Slavoj. **Contragolpe absoluto**. *Para una refundación del materialismo dialéctico*. Tradução de Antonio J. Antón Fernández. Madrid, Ediciones Akal: 2014

ZIZEK, Slavoj. **O amor impiedoso - (ou: Sobre a crença)** Tradução: Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte, Autêntica Editora: 2012